



**Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

**EDILA FERRI**

**NEUROSE, PSICOSE E O EU À LUZ DO XII ENSAIO  
METAPSICOLÓGICO FREUDIANO**

Brasília  
2022

**EDILA FERRI**

**NEUROSE, PSICOSE E O EU À LUZ DO XII ENSAIO  
METAPSICOLÓGICO FREUDIANO**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Teoria Psicanalítica.

Orientador: Me. Carlos C. M. Frausino

Brasília  
2022

**EDILA FERRI**

**NEUROSE, PSICOSE E O EU À LUZ DO XII ENSAIO  
METAPSICOLÓGICO FREUDIANO**

Trabalho apresentado ao Centro  
Universitário de Brasília  
(UniCEUB/ICPD) como pré-requisito  
para a obtenção de Certificado de  
Conclusão de Curso de Pós-graduação  
*Lato Sensu* em Teoria Psicanalítica.

Orientador: Me. Carlos C. M. Frausino

Brasília, 17 de abril de 2022.

**Banca Examinadora**

---

1º. Avaliador Me. João R. V. de Carvalho Stemler Veiga

---

2º. Avaliadora Dra. Tânia Cristina da Silva Cruz

Só se tornou possível estender a teoria da libido às neuroses narcísicas depois que o conceito de uma 'libido narcísica' foi exposto e aplicado – isto é, um conceito de uma quantidade de energia sexual ligada ao próprio ego e que encontra satisfação no ego, tal como habitualmente se encontra satisfação apenas em objetos.

SIGMUND FREUD

## RESUMO

O presente trabalho relaciona concepções filogenéticas freudianas com abordagens sobre o tema. O primeiro capítulo contém uma síntese do XII ensaio metapsicológico freudiano; mito filogenético da era glacial enviado por Freud a Ferenczi em 1915. Nos capítulos seguintes encontram-se relacionados cada uma de suas partes com teses, observações e interpretações sobre a filogênese freudiana em forma de diálogo desenvolvido por Corrêa (2013) e Mello (1987). Descrita em dois momentos, a história filogenética evidencia a origem e o desenvolvimento das neuroses e psicoses, examinadas por Freud (1915), respectivamente, como neuroses de transferência e neuroses narcísicas. O primeiro momento, correspondente às vivências da humanidade na era glacial que criaram as condições para a formação da psicologia do pai da horda primeva; e, o segundo momento, correspondente às vivências dos filhos submetidos ao poder do pai primitivo que criaram condições para o ato parricida e a constituição da cultura. O estudo possibilita apreciar aspectos relacionados ao campo do psiquismo dos nossos antepassados, a constituição do eu (ego) e a questão da problemática da transmissão a partir da supramissão freudiana, ou seja, a irrefutabilidade do herdado.

**Palavras-chave:** Neurose. Psicose. Filogênese. Psicanálise.

## ABSTRACT

The present work relates the Freudian phylogenetic conceptions with approaches on the subject. The first chapter contains a synthesis of Freud's twelfth metapsychological essay; phylogenetic myth of the ice age sent by Freud to Ferenczi in 1915. In the following chapters, each of its parts are related to theses, observations and interpretations on Freudian phylogenesis in the form of a dialogue developed by Corrêa (2013) and Mello (1987) . Described in two moments, the phylogenetic history shows the origin and development of neuroses and psychoses, examined by Freud (1915) respectively as transference neuroses and narcissistic neuroses. The first moment, corresponding to the experiences of humanity in the ice age that created the conditions for the formation of the psychology of the father of the primal horde; and, the second moment, corresponding to the experiences of the children submitted to the power of the primitive father that created conditions for the parricide act and the constitution of the culture. The study makes it possible to appreciate aspects related to the field of the psyche of our ancestors, the constitution of the ego and the issue of the problem of transmission from the Freudian supravision, that is, the irrefutability of the inherited.

**Key words:** Neuroses. Phylogenesis. Psychoanalysis

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	08
-------------------------	----

### CAPÍTULO I

<b>1 O XII ENSAIO METAPSICOLÓGICO DE FREUD</b> .....	10
<b>1.1 Síntese do manuscrito freudiano sobre a disposição filogenética das neuroses e psicoses</b> .....	10

### CAPÍTULO II

<b>2 A ORIGEM HIPOTÉTICA DAS NEUROSES E PSICOSES</b> .....	16
<b>2.1 Passo a passo: o mito filogenético freudiano</b> .....	16
<b>2.2 Primeiro momento: neuroses de transferência</b> .....	17
<b>2.3 Segundo momento: neuroses narcísicas</b> .....	25

### CAPÍTULO III

<b>3. A PROBLEMÁTICA DA TRANSMISSÃO</b> .....	34
<b>3.1 A irrefutabilidade do herdado</b> .....	34

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	40
-----------------------------------	----

<b>REFERÊNCIAS</b> .....	46
--------------------------	----

## INTRODUÇÃO

A metapsicologia freudiana é uma das mais importantes noções do sistema de categorias psicanalíticas. Sigmund Freud, pela primeira vez, no ano 1896, através de uma carta endereçada a Wilhelm Fliess, menciona o termo metapsicologia, referindo-se a uma síntese conceitual da estrutura do aparelho psíquico e de seu funcionamento.

Através de cartas endereçadas a Ernest Jones, Karl Abraham e Sándor Ferenczi, Freud, em 1915, apresentou o plano de escrever doze ensaios metapsicológicos e de incorporá-los a um livro que provavelmente seria publicado depois da guerra, conforme descreveu E. Jones (1975). Dos doze, somente tivemos conhecimento de cinco deles: *Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos* (1917); *Luto e Melancolia* (1917); *Pulsões e Destinos das Pulsões* (1915); *A Repressão* (1915) e *O Inconsciente* (1915). Tudo indica que Freud optou por não publicar os outros sete ensaios da coletânea.

Com a ajuda de E. Jones, de acordo com Garcia-Roza (2008), e de uma carta escrita por Freud foi possível identificar os temas dos artigos metapsicológicos que desapareceram, a saber: *Consciência, Angústia, Histeria de conversão, Neurose obsessiva, Sublimação, Projeção (Paranoia) e Neuroses de transferência* (p. 16).

Além dos temas, Grubrich-Simitis (1987) revela que quando passou em revista papéis, que teriam sido dados por S. Ferenczi a Michael Balint e que estavam contidos em uma mala, encontrou um dos sete manuscritos inéditos de Freud. O manuscrito continha, no verso da última folha, um bilhete de Freud para Ferenczi, onde ele se referia ao XII ensaio de sua metapsicologia e que tinha por título *Übersicht der Übertragungsneurosen (Neuroses de Transferência: uma Síntese)*. Dos sete artigos, esse foi o único recuperado e que veio a público em 1985.

De acordo com Mello (1987), no meio psicanalítico, o manuscrito chegou a ser criticado e reprovado por seus pares. Estes afirmaram, que o velho mestre, a respeito do filogenético, contido no manuscrito recém-descoberto, estava delirando.

Se Freud postulava uma filogenia metapsicológica, de acordo com Mello (1987), Freud teve medo de publicá-la, a ponto de passar mal dos intestinos quando se viu próximo ao prelo. Confiou-o a S. Ferenczi na forma de manuscrito, em carta datada de 28 de julho de 1915, com recomendações severas, uma vez que um manuscrito tão visionário mais lhe parecia coisa de paranoico, que teria o poder de causar doença em quem nele se debruçasse.



Sabe-se que S. Ferenczi guardou o manuscrito em segredo e, após sua morte, aliás, setenta anos depois, sua família encontrou-o num baú, ou melhor, em uma mala. “Os fiscais” da psicanálise surgiram dizendo bobagens sobre o texto. Como estava assinado por Freud, foi apresentado aos leitores com as devidas desculpas.

O manuscrito descoberto, nomeado pelo próprio Freud (1915) de “rascunho do ensaio XII” (GRUBRICH-SIMITIS, 1984, p. 9), vai ser aqui evocado como XII ensaio metapsicológico, um texto comprometido com a metapsicologia, conforme aponta Corrêa (2013, p. 31). Nele, Freud apresenta, inicialmente, os elementos constitutivos das neuroses de transferência. Mas no decorrer do ensaio, segue na direção das origens das neuroses narcísicas, desenvolve hipóteses sobre nossos antepassados e sobre o que herdamos em relação as neuroses, fazendo referência aos tempos glaciais e a horda primitiva.

Para Roudinesco (2016), Freud produziu uma “ficção filogenética” (p. 211) aproximando a teoria das neuroses e o assassinato do pai, de *Totem e tabu* (1912/1913), à origem do humano, na tentativa de aplicar a teoria da recapitulação apresentando a filogênese pela ontogênese. Ou seja, Freud estabelece uma analogia entre as fases de desenvolvimento da espécie humana e o das neuroses. Conforme aponta Laplanche (1996), uma via de acesso ao “longínquo” (p. 36).

Nas palavras de Roudinesco (2016), toda metapsicologia, aquilo que escapa “à consciência e à realidade material” (p. 209), é uma oportunidade para articular o arquivado no inconsciente, mesmo que este fato já tenha produzido efeitos e tenha se tornado história.

Eis, portanto, o campo temático da presente investigação: interpretações sobre a filogênese freudiana à luz do manuscrito recém-descoberto, também nomeado XII ensaio filogenético (1915). O objetivo geral é relacionar as concepções filogenéticas freudianas com abordagens sobre o tema. De tal modo que o leitor encontrará, como objetivos específicos, no primeiro capítulo, uma síntese do manuscrito recém-descoberto e nos capítulos seguintes, dois diálogos com psicanalistas que discorrem sobre a filogênese freudiana, respectivamente de Corrêa (2013), psicóloga e doutora em filosofia pela Unicamp; e, Mello (1987), psiquiatra e Fundador do Colégio Freudiano e Psicanálise em Brasília.

Quais são os avanços apresentados por Corrêa (2013) e Mello (1987) sobre o legado filogenético freudiano? Com base na questão enunciada, a pesquisa revisional evidencia a origem e o desenvolvimento das neuroses e psicoses remontando às

vivências da humanidade desde era glacial. As origens do pai da horda primeva, os filhos submetidos a ele, que criaram condições para o ato parricida e a constituição da cultura. O estudo possibilita, ainda, apreciar aspectos relacionados ao campo do psiquismo dos nossos antepassados, a constituição do eu (ego) e a questão da problemática da transmissão a partir da supervalorização freudiana. Depois de apontar que a história da libido segue por um caminho diferente e bem mais antigo que o do desenvolvimento eu, o leitor vai se deparar com as considerações finais.

## CAPÍTULO I

### O XII ENSAIO METAPSICOLÓGICO DE FREUD

#### 1. Síntese do manuscrito freudiano sobre a disposição filogenética das neuroses e psicoses<sup>1</sup>

Conforme versão editada a partir dos achados de Grubrich-Simitis (1987), Freud, em 1915, no XII ensaio metapsicológico, acerca das neuroses de transferência, inicia descrevendo conceitos fundamentais: “a repressão, o contrainvestimento, a formação de substitutos e sintomas, a relação com a função sexual, regressão e disposição” devem se restringir a histeria de angústia, a histeria de conversão e a neurose obsessiva (p. 65).

Na ordem apresentada por Freud (1915), a *repressão* visa evitar o desprazer. Consiste na subtração ou negação do investimento pré-consciente, assegurada por uma espécie de contrainvestimento. É relacionada aos sistemas inconsciente e pré-consciente. Na histeria de angústia, o sucesso da repressão não realiza nenhuma representação pré-consciente e consciente. Na histeria de conversão o sucesso da repressão é completo desde o início graças a intensa formação de substitutos. À formação de fobias, consiste também em substitutos. Na neurose obsessiva as renúncias e limitações correspondem ao que ocorre na fobia, o diferente é que na neurose obsessiva há uso dos recursos lógicos. O acontecimento rejeitado resulta do fato de que a *repressão* consiste na negação da palavra.

O *contrainvestimento*, de acordo com os escritos freudianos, está inicialmente ausente na histeria de angústia. Já, na neurose obsessiva, que é uma defesa contra um impulso ambivalente, o contrainvestimento fornece a primeira repressão bem-sucedida, a reação vai aparecer com ideias obsessivas, promovendo o trabalho lógico. E, na histeria de conversão, o contrainvestimento, vai na direção do “investimento da pulsão” (p.67), junta-se a ele promovendo uma solução de compromisso na escolha da representação.

O retorno do reprimido ou à repressão mal-sucedida vai dar na *formação de substitutos e sintomas*, diz Freud (1915). No caso da histeria de conversão o substituto é igual ao sintoma, não são separados. Diferente da histeria de angústia, onde a formação

---

<sup>1</sup> Na nosografia freudiana do “Neuroses de transferência: uma síntese (manuscrito recém-descoberto)”, (1915) e nomeado também de *XII ensaio metapsicológico*, as neuroses são tanto as de transferência, quanto as narcísicas. Posteriormente, Freud chamará as neuroses de transferência (histeria de angústia, histeria de conversão e neurose obsessiva) de neuroses e as neuroses narcísicas (demência precoce, paranoia e mania-malancolia) de psicoses.

de substitutos permite ao reprimido seu primeiro retorno. Na neurose obsessiva, a formação de substitutos e a formação de sintomas separam-se. Sendo a primeira formação de substitutos fornecida pelo repressor mediante o contrainvestimento, não sendo sintoma. Mas os sintomas tardios da neurose obsessiva são com frequência o retorno do reprimido, afirma Freud (1915).

A formação de sintomas coincide sempre com o retorno do reprimido e ocorre com a ajuda da regressão e das fixações determinantes. “Uma lei geral afirma que a regressão retrocede até a fixação e de lá se impõe ao retorno do reprimido” (FREUD, 1915, p.68).

Considerando que o impulso ativo reprimido é sempre libidinal, a repressão derivada do eu pode ser um “não-poder” ou um “não-querer” (FREUD, 1915, p.68), trata-se de uma incompatibilidade com os ideais do eu ou uma lesão do eu. A repressão é estimulada pelo conflito das manifestações libidinosas e do eu. A repressão instalada serve para repelir a *função sexual*, assim como, a regressão e outros destinos dos impulsos.

A *regressão*, no enunciado freudiano, é o elemento e o destino dos impulsos mais interessantes. Na histeria de angústia, que surge muito cedo na vida, não cabe discorrer sobre a regressão. Mas na histeria de conversão, a regressão do eu é poderosa. Vai a uma fase onde não há separações entre o pré-consciente e o inconsciente, portanto sem linguagem e sem censura. Aí, a pulsão não aceita pelo eu atual recorre a um eu anterior, diz Freud (1915), havendo uma espécie de regressão da libido. Na neurose obsessiva, a regressão é uma regressão da libido que não serve ao retorno do reprimido, mas à repressão.

Quanto aos conceitos de *Fixação* e *disposição*, eles são encobertos pela *regressão* que retrocede até um ponto de fixação do desenvolvimento do eu ou da libido. E, conforme Freud (1915), isso representa a disposição, referindo-se também as disposições como inibições de desenvolvimento. A disposição é o elemento preponderante na escolha da neurose. Já a fixação é produzida pela fase do desenvolvimento que foi marcada talvez por um tempo mais longo. Tanto pode ser que a fixação seja congênita, como produzida por impressões precoces ou ambos. Na constituição da criança, existem todas as disposições. Às disposições herdadas são restos das aquisições dos antepassados. Quando o indivíduo adiciona às suas disposições herdadas às disposições vindas de suas próprias vivências, chega-se ao problema da disposição filogenética atrás da ontogenética, ou seja, “quando o indivíduo adiciona às suas disposições herdadas,

baseadas em vivência anterior, às disposições recentes derivadas de vivências próprias” (FREUD, 1915, p. 71). Tudo indica que na visão freudiana não se desvanece o processo que cria disposições baseadas vivências.

O ensaio freudiano aqui descrito ultrapassa o domínio do que é nomeado por neuroses transferência (neuroses). O objetivo é ir na direção das neuroses narcísicas (psicoses). Para verificar se a disposição filogenética contribui na compreensão delas a partir do relacionamento do eu com o objeto. Nessa interpretação, o apego ao objeto seria o elemento diferenciador.

Freud (1915), ao atribuir aos impulsos sexuais um desenvolvimento diferente dos impulsos do eu, deixa claro que os impulsos sexuais, podem ser satisfeitos auto-eroticamente, diferentemente dos impulsos do eu que precisam do objeto, da realidade.

No argumento freudiano, a história do desenvolvimento da libido repetiria uma parte do desenvolvimento filogenético mais antiga que a do eu. A premissa da história do desenvolvimento que se apresenta na vida individual começaria com neurose de angústia, seguiria para a histeria de conversão (mais ou menos a partir dos 4 anos), mais tarde (entre 9 e 10 anos) apareceria a neurose obsessiva. Na infância, afirma Freud (1915), não há neuroses narcísicas. A demência precoce (esquizofrenia) pode ocorrer na puberdade; a paranoia e a melancolia-mania, ocorreriam mais próximas aos anos de maturidade.

As fixações peculiares às disposições, acima nomeadas, ocorrem na abordagem freudiana, numa sequência de sentido contrário. Consequentemente, “quanto mais tarde a neurose se apresentar, tanto mais a libido regridirá para uma fase mais precoce” (FREUD, 1915, p.73). Configurando, a seguinte sequência: a histeria de angústia e a histeria de conversão, orientam-se para o primado dos genitais; a neurose obsessiva, orienta-se contra a fase anterior sádica. As neuroses de transferência dirigem-se contra o pleno desenvolvimento da libido. Diferentemente das neuroses de transferência, as narcísicas regridem às fases anteriores ao encontro do objeto. A demência precoce (esquizofrenia), regride até o auto-erotismo; a paranoia, até a escolha homossexual e narcisista de objeto e a melancolia-mania, baseia-se na identificação narcisista com o objeto). A demência precoce aparece mais cedo que a paranoia, embora sua disposição libidinal retroceda a estágios mais primitivos, já a melancolia-mania, segundo a visão freudiana, dá para definir temporalmente com precisão. Nas psiconeuroses nem tudo é determinado pelo desenvolvimento da libido. A idade pode transformar a neurose obsessiva ou histeria em demência, mas não ocorre o contrário, assevera Freud (1915).

Curiosamente, Freud (1915) a partir de elos hipotéticos, estabelece uma outra sequência, nomeada de filogenética, que ocorre paralelamente com a sequência cronológica das neuroses. Reconhecendo nas disposições para as neuroses de transferência, regressões a fases pelas quais a humanidade passou do início ao fim dos tempos glaciais. Hoje, diz o autor, em virtude da predisposição herdada acionada por novas experiências, somente uma parcela passa por isso em razão do compromisso entre a o arcaico e o culturalmente novo. Acrescentando que a neurose contém mais que regressão, é também resistência contra regressão. A neurose deve resgatar enquadramento primitivo até onde o reprimido nela conseguiu triunfar.

Na supervisão freudiana a humanidade tornou-se angustiada, sob a influência das privações impostas pela era glacial. O mundo externo tornou-se perigoso. A libido sexual, não perdeu de imediato seus objetos, mas o eu ameaçado na sua existência acabaria desistindo, até certo ponto, do investimento objetual. Mantendo a libido no eu, tornou-se angústia real o que antes havia sido libido objetual. O mesmo ocorre na angústia infantil, no caso de ausência de satisfação, a libido objetual é transformada em angústia real diante de algo desconhecido.

Nos dos tempos difíceis, os humanos primitivos ameaçados na sua sobrevivência, faltando alimentos, sofreram diante do conflito entre a autopreservação e ter prazer no ato de procriar. A limitação da procriação tornou-se um dever social. As satisfações que não levavam à procriação escaparam as proibições, promovendo regressão libídica. Sob a influência das proibições aflora a histeria de conversão. Freud (1915) argumenta que pela sintomatologia desta fase o humano não falava, não havia erguido o sistema pré-consciente acima do inconsciente, foi vencido pela necessidade quando se impôs não ter filhos.

Quando a humanidade passou a poupar a libido e a reduzir sua atividade sexual através da regressão a uma fase anterior, a inteligência ganhou papel central. A linguagem era mágica e os pensamentos eram crivados pela onipotência, pela compreensão do mundo ancorada no próprio eu. No fim dessa época, os humanos se dividiram em hordas isoladas, dominadas uma espécie de líder sábio, forte e brutal. A neurose obsessiva repete as características dessa fase. São traços relacionados a acentuação exagerada do pensar, onipotência do pensamento, tendência para leis invioláveis. E, contra os impulsos brutais, que visam substituir a vida sexual, opõe-se a resistência de desenvolvimentos posteriores. O conflito libidinoso, paralisante, consente apenas os restos de impulsos através da obsessividade deslocados para insignificâncias.

Freud (1915) deu tessitura ao desejo de Ferenczi decifrando a formação dos tipos neuróticos regressivos na história do gênero humano e demonstrando que a disposição para as neuroses narcísicas torna-se aquisição da segunda geração, dos filhos, aos quais o pai da horda primeva nada permite. A conjuntura propicia o desenvolvimento de uma nova fase da cultura humana.

Em *Totem e tabu*, Freud (1912/1913) descreve o pai da horda primeva despojando a virilidade dos filhos, que castrados, tornaram-se inofensivos trabalhadores. O efeito do ato, naquele tempo primitivo pode ter levado a extinção da libido e um corte ou parada no desenvolvimento individual. É na demência precoce (esquizofrenia), na visão freudiana, que esse estado de coisas pode se repetir. Ou seja, desistência de qualquer objeto de amor, involução de todas as sublimações e volta ao auto-erotismo. O comportamento é como se tivesse sofrido castração; sendo comum nesta afecção autocastrações reais. Nessas condições, diz Freud (1915), as alucinações e alterações de fala, são tentativas de cura, não se referindo ao quadro filogenético.

Ademais, os filhos que fugiram da ameaça de castração, assumiram juntos a sobrevivência. Fizeram aflorar sentimentos sociais estruturados na homoafetividade. Posteriormente, os sentimentos sociais, assim produzidos na sublimação da homossexualidade, tornaram-se propriedade permanente da humanidade e a base de toda sociedade existente. A paranoia, conforme assinala Freud (1915), responde às condições dessa fase. Na defesa paranoica não faltam alianças secretas e o perseguidor tem um papel central. A defesa paranoica, procura afastar a homossexualidade, estruturante dessa fraternidade.

A melancolia-mania caracteriza-se por apresentar depressão e euforia, na perspectiva freudiana não é possível determinar com certeza a época do aparecimento desse sofrimento, mas é mais frequente na idade adulta. Semelhante ao que vai do triunfo ao luto. O triunfo dos filhos se dá com a morte do pai da horda primeva; o luto, a identificação com ele. Nessa visão, a identificação é condição para o mecanismo da melancolia. Depois que os filhos dominaram e mataram o pai primevo, a horda é substituída pela fraternidade vitoriosa dando “origem às predisposições da peculiar sucessão de estado de ânimo que reconhecemos como particulares afecções narcísicas ao lado das parafrenias” (FREUD, 1915, p. 80).

Em síntese, se para Freud (1915) as disposições para as neuroses de transferência foram adquiridas no enfrentamento dos tempos glaciais, as neuroses narcísicas foram

fixadas na opressão causada pelo pai da horda primeva, o qual, após o término da era glacial, assume tal papel contra a segunda geração.

De acordo com o pensamento freudiano, se os primeiros irrompimentos conduziram à fase cultural patriarcal, os irrompimentos seguintes desencadaram a fase social. Ambas produziram fixações e transformaram-se nas disposições para os dois grupos de neurose. A neurose, conclui Freud (1915), é também uma aquisição cultural.

Contudo, Freud (1915) não nega uma série de dificuldades e objeções a suposição apresentada. Uma delas é que os filhos castrados e os ligados a homossexualidade não podem propagar sua disposição. Esse pai ciumento e glacial teve continuidade na medida em que o filho mais jovem, que virá a ser pai, deve ter “enfrentado a tentação, renunciado à mulher ou fugindo como seus irmãos mais velhos. Assim ficava ao lado dos homens inférteis uma outra cadeia [...] a qual podiam legar esse destino, bem como a disposição” (p. 81).

O triunfo sobre o pai, deve ter sido fantasiado e planejado através de gerações, diz Freud (1915). E, sobre os destinos da mulher naqueles tempos, na visão freudiana, há um mistério especial. Mas, segundo ele, “não devemos esquecer a bissexualidade da humanidade. É assim que a mulher pode herdar as disposições adquiridas pelo homem, assumi-las e mostrá-las nela mesma” (p. 82).

No final do manuscrito, fica evidente que Freud (1915) desconfia da censura que sofrerá e conclui dizendo que as constituições arcaicas não retornam hoje nos indivíduos, em combinações predeterminadas, arrastando-os para a neurose através do conflito com as imposições do momento presente. “Há lugar para novas aquisições e novas influências, as quais não conhecemos” (p 82).

A natureza fragmentária do XII ensaio metapsicológico (1915) é clara. Um ensaio difícil, como toda a metapsicologia freudiana. Resta à impressão de que Freud nos convida a avançar na direção de sua peculiar filogênese. Será que Freud encaminhou o ensaio para Ferenczi desejando continuidade?

Se Freud aponta para uma produção secundária, os próximos capítulos serão pautados por esse desejo: estudos diferenciados, ousados e com inúmeros achados.



## CAPÍTULO II

### A ORIGEM HIPOTÉTICA DAS NEUROSES E PSICOSES

#### 2. Passo a passo: o mito filogenético freudiano

O tema defendido, em tese de doutorado, *História hipotética da espécie humana: o processo de hominização nos tempos glaciais e na horda primitiva*, por Corrêa (2013), na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), busca interpretar a filogenese freudiana. A autora retoma o debate sobre as disposições constitucionais dos esquemas filogenéticos e as conexões com as séries temporais do desenvolvimento ontogenético de modo não linear.

Ressaltando à importância atribuída por Freud, ao comparar a história da espécie e do indivíduo, Corrêa (2013) afirma que o autor em *Totem e tabu* (1912/1913), construiu uma explicação para o presente, não para o passado; trabalhou a estrutura ao explicitar que o desejo incestuoso se opõe as regras sociais. Por conseguinte, ela não considera que a passagem da natureza para a cultura ocorreu no passado e não ocorre mais.

Investigar na história filogenética a estrutura e a organização do psiquismo humano, para Corrêa (2013), não significa trabalhar com o propósito de reconstruir um passado que explique os fatos. Mas estabelecer o que é atual nos seres humanos em geral. A cultura, nessa visão, é como um campo de luta, cuja tensão é permanente. Ou seja, o assassinato original, o parricídio na horda primeva, conforme construído por Freud em *Totem e tabu* (1912-1913), não é uma fantasia que se pode excluir da cultura.

Nessa perspectiva, a história filogenética reproduz a trajetória que se inicia nos tempos glaciais, promovendo o desenvolvimento dos impulsos e a psicologia do indivíduo (descobertas sobre o eu/ego), configurando o que foi nomeado de organização social nos tempos da horda primitiva.

Em síntese, a partir dos escritos freudianos sobre a temática, o que vai ser nomeado de filogenético é o elemento constitucional herdado, diferenciador das neuroses, presente em todos os indivíduos. As disposições filogenéticas adquiridas por nossos antepassados pertencem a toda espécie. E, nessa interpretação, o que vai diferenciar uma neurose de outra não é a existência de uma disposição, já que as mesmas disposições estão presentes em todos os indivíduos, mas sua intensidade. As impressões de um trauma ou

de prazer em alguma fase do desenvolvimento podem determinar ou não uma fixação.

Cabe observar, aponta a autora, que ao nomear as disposições herdadas, Freud aparentemente mudou o rumo do que vinha fazendo. Não se tratava mais de discutir as disposições de cada neurose, mas de supor como as disposições filogenéticas de todos os indivíduos, intensificadas nas neuroses, foram adquiridas pelos humanos.

Isso conduz Corrêa (2013) ao início da compreensão das neuroses, período em Freud estava desenvolvendo a teoria do trauma, não do mecanismo defensivo. Tendo percebido que na neurose a recordação afetiva não se desgastava, Freud vai chegar ao conceito de sexualidade infantil e as disposições inatas que existem em todos os indivíduos.

Ao relacionar os desenvolvimentos do eu e os impulsos sexuais com as disposições nas neuroses, mostrando oposições entre um e outro, segundo as descobertas freudianas, de acordo com Corrêa (2013), fica demonstrado que enquanto o eu (ego) se transforma, do eu prazer em eu real, os impulsos sexuais experimentam mudanças que podem ir do autoerotismo até o amor objetal que visa a procriação. Se a cada etapa desses dois cursos de desenvolvimento o eu pode se tornar o lugar de uma disposição neurótica, é de se supor que a neurose dependa da fase do desenvolvimento do eu e da libido em que a inibição do desenvolvimento disposicional aconteceu. O caráter temporal de ambos os desenvolvimentos adquire assim um significado surpreendente. Assim, a história do desenvolvimento do eu depende da história da espécie humana, com base em uma relação inversa entre a história da espécie e de desenvolvimento do eu.

Desse modo, afirma a autora, são as neuroses que vão ser tomadas por Freud para supor uma história da espécie e para se aproximar da compreensão do desenvolvimento do eu na ontogênese.

## **2.1. Primeiro momento: neuroses de transferência**

A história filogenética é apresentada por Corrêa (2013) em momentos e fases. A primeira fase é a dos fundamentos econômicos do aparelho psíquico, relacionados aos impulsos sexuais desligados da função biológica. Esse primeiro estado psíquico corresponderia ao desenvolvimento do afeto de angústia. Trata-se de uma reação aos perigos externos reais que, nos tempos glaciais, ameaçaram efetivamente o humano. O eu, tendo sua existência ameaçada deixou de lado o investimento nos objetos sexuais, transformou a libido sexual em angústia. Não se trata de perda do objeto, mas sim de

renúncia do investimento.

Ademais, as fontes da angústia do real são o perigo externo e a libido insatisfeita. A primeira é a verdadeira angústia do real, o medo diante de uma realidade efetivamente perigosa. Já a segunda é uma falsa angústia do real. Ela se apresenta como medo do real, no entanto, conforme salienta a autora, é uma expressão da libido insatisfeita, denominada de angústia de anseio, advinda dos tempos glaciais devido aos perigos envolvidos na satisfação sexual, o eu desviou-a de seu grupo psíquico transformando-a em angústia.

Apesar da angústia de anseio ser interpretada na maior parte das vezes como a marca da repressão sobre o primeiro objeto de satisfação, perda que caracterizaria a inserção do ser humano na ordem do simbólico. A história filogenética e a história de angústia mostram, segundo a autora, que a angústia de anseio é a marca de um processo anterior à perda do objeto, anterior mesmo à própria inscrição do objeto de satisfação no psíquico. Ela marca o afastamento do humano da função sexual biológica, o impedimento da ação que levaria a plena satisfação da função sexual biológica. Um afastamento que possibilitou novas formações e tornou-se disposição herdada, inata, presente em todos nós. De acordo com Corrêa (2013), herdamos um impulso sexual desvinculado de objetivos biológicos. Um impulso sexual que uma vez não satisfeito por meio da ação biológica pôde encontrar outras formas de satisfação. Mas um impulso que antes de qualquer satisfação se presentifica como angústia.

Trata-se, segundo a autora, da renúncia no investimento dos objetos que satisfariam a função biológica, pode-se dizer que inibido o investimento psíquico em representações que teriam como função satisfazer as necessidades biológicas, tem-se afastamento da ordem do biológico.

A angústia de anseio é a expressão da libido, um quantum que corresponde ao fator econômico, necessário para operar a psique a ponto de na primeira fase da história filogenética criar uma disposição que possibilitou, do ponto de vista freudiano, supor a existência uma força constante nas neuroses, independentemente das vivências traumáticas e que o conduziu posteriormente a sexualidade infantil. A primeira expressão deste quantum é a angústia. Isso quer dizer que a angústia de anseio, como transformação da libido, na filogênese teve como finalidade transformar o impulso sexual, biológico, em angústia e assim, evitar que ele se transformasse em ação. A angústia real, percebendo os perigos da satisfação libidinal, impediu ou destituiu o impulso sexual de sua finalidade biológica.

Corrêa (2013) esclarece que no caso da angústia de anseio, perigosa é a libido e

suas exigências, no caso da angústia do real, o mundo externo que é perigoso. A angústia do real, inata, herdada dos primeiros humanos, é uma reação muito adequada. Torna-se, no neurótico, medo do excesso de libido, receio diante de sua incapacidade de satisfazê-la. A coincidência da angústia do real com a angústia de anseio, neste caso, deve-se à consciência dos perigos do mundo diante do desamparo.

Na filogênese, comenta a autora, a angústia do real é anteposta à angústia de anseio. A angústia do real veio primeiro, quando o mundo externo, nos tempos glaciais, passou a ser arriscado, posteriormente, surgiu a angústia de anseio, quando a libido insatisfeita se transformou em angústia, em um impulso demasiadamente grande e perigoso que escapou da determinação biológica. Tudo indica que na filogênese foi evitado o perigo externo, os perigos relacionados a satisfação da libido, estabelecendo um estado de perigo interno. A constituição da angústia de anseio possibilitou que o impulso sexual não mais pressionasse à ação biológica, à custa de conviver com um excesso que se caracteriza como um constante perigo interno. Evitou-se o perigo da satisfação da libido por meio de um excesso de libido insatisfeita, que não deixou de ser um perigo, agora interno, uma pressão destituída de direção.

Se na ontogênese, de acordo com a autora, a criança passa da angústia de anseio à angústia do real, por via da educação, dor, vivências. Aprendendo a temer os perigos do mundo externo, na medida em que inibe suas necessidades libidinais transformadas em angústia de anseio. Compreendendo, portanto, por que na filogênese a angústia de anseio apoiada na angústia do real foi uma consequência dela e que a inversão aparecerá de forma mais evidente em relação às formas de satisfação sexual, mas aqui já está presente a ideia de que aquilo que foi adquirido na filogênese é inibido na ontogênese. Uma vez que o afeto deve voltar a ter a função de autopreservação.

A autora verifica que na angustia infantil há um excesso de libido sem direção e que poderá ter os mais diversos destinos. Por outro lado, há uma organização o sentido que os instintos biológicos<sup>2</sup>, de autopreservação, possam atuar. Ou seja, a própria função biológica sexual, perdida na filogênese, não deixa de fazer suas reivindicações e determina o desenvolvimento dos impulsos sexuais, que devem, mesmo que nunca consigam, se tornar genitais.

Um novo conflito aparece na segunda fase filogenética, conforme destacado por Corrêa (2013), tornou-se imperativo limitar a procriação devido aos tempos difíceis.

---

<sup>2</sup> Com base na articulação e tradução elaborada por Corrêa (1987), o termo *instinto* tem correspondência com o biológico e no decorrer da hipotética história da espécie humana transforma-se em *impulso* (*trieb*).

Sobrevindo a manutenção das satisfações perversas, que não levavam a geração de crianças, promovendo regressão às fases da libido anteriores ao primado dos genitais, correspondendo às condições da histeria de conversão.

Isso porque nessa fase a libido em vez de permanecer no eu aparecendo na forma de angústia, como na primeira fase, encontra ações e objetos substitutos. A satisfação vai se dar por meio de outras funções biológicas, que um dia foram sexuais, mas perderam esta função. Junto com a substituição da ação biológica sexual, substitui-se também os objetos. Agora o próprio corpo satisfaz o impulso, constituindo o autoerotismo.

A sexualidade humana, compreendida por Corrêa (2013), à luz da leitura freudiana, estabelece que o objeto e a meta sexual dos seres humanos não são fixos. A sexualidade humana não coincide com a função sexual biológica, no sentido genital, reprodutivo. Desvios da meta sexual, desvio do coito e da procriação, estão presentes na perversão, como felação, prazer de ver, ser visto, sadismo, masoquismo. Tais erotismos são compatíveis com o ato sexual habitual.

Na descrição freudiana, de acordo com autora, a sexualidade perversa é entendida como a busca de um prazer já vivenciado. O sugar parece reconstituir um prazer anteriormente vivenciado e que é recordado. O caminho facilitado, devido ao prazer que proporcionou, acarreta sua repetição. O impulso sexual busca também a repetição da vivência de prazer. A tendência do aparelho psíquico que visa repetir as experiências de prazer e que originalmente culmina com a alucinação, ou seja, uma incapacidade de diferenciar recordação de percepção é também caminho para o núcleo do eu. Desse modo, segundo Corrêa (2013), a satisfação do impulso sexual infantil, que busca repetir experiências de prazer, corresponde ao núcleo do eu, que por sua vez corresponde ao eu prazer.

Trata-se de uma percepção que posteriormente determinará as ações do próprio organismo, ações que visarão restabelecer a vivência de satisfação, alucinatóriamente ou levando em conta a realidade, e não levando em conta satisfazer o impulso biológico. Isso significa que o objeto realizou a ação específica que o organismo era incapaz de realizar. Neste caso, a autora diz que a representação do outro que auxilia toma o lugar da ação que satisfaz as necessidades biológicas. A satisfação das necessidades biológicas do ponto de vista do aparelho psíquico, é secundária. Se a necessidade de repetir o prazer, que culmina na alucinação, nunca coincidissem com a efetiva percepção da representação que pode satisfazer a necessidade biológica, o organismo não sobreviveria. Contudo, o importante é que se constitui um aparelho psíquico cujos movimentos serão determinados

pelas representações das experiências que proporcionaram prazer. Um psiquismo determinado empiricamente, pois se satisfaz com suas representações, com suas recordações das experiências.

No decorrer, a autora prossegue afirmando que se a função sexual de procriação sofreu afastamento na filogênese e a partir deste afastamento se constituiu a sexualidade perversa, na ontogênese encontramos o percurso contrário. O impulso sexual, na ontogênese, deverá então deixar suas metas perversas, para se colocar a serviço da função procriadora. Mas para que isso seja possível será necessária a transformação, pelo menos em parte, daquilo que é prazer em desprazer. A transformação do prazer em desprazer é um processo similar à transformação da libido em angústia, conforme foi visto na primeira fase filogenética. Agora, no entanto, este processo é utilizado não para inibir a libido, para que ela não alcance sua meta biológica, mas, ao contrário, para transformar o prazer perverso no prazer da função sexual biológica. Esse desprazer, necessário para que se alcance a meta biológica, deve estar contido na tensão sexual, que apesar de prazerosa, deve ser também desprazerosa, guardando certa ambivalência, para impulsionar a uma mudança.

A lógica da sexualidade é repetir o estado de tensão para repetir também sua eliminação. Assim, além de eliminar o estímulo repetindo a satisfação de uma vivência de prazer, cada nova satisfação determina nova estimulação. Se o aparelho psíquico tende a eliminar estímulos, também tende a produzir constantemente estímulos, quando os elimina. Coincide, segundo Corrêa (2013), em última instância, com uma excitação que buscará um prazer final, na função biológica sexual, e coincide também com as formações reativas que determinarão as forças construtivas da cultura.

Consequentemente, seguindo o argumento, na ontogênese há uma tensão, fruto da perda da função sexual biológica na história filogenética, que quando eliminada repete as vivências de satisfação. Para repetir o prazer da satisfação é necessário também repetir o desprazer que o antecede. Ou seja, a excitação central é projetada na zona erógena e um estímulo externo é aplicado sobre a zona a fim de aumentar a excitação até alcançar a satisfação. A satisfação, por sua vez determina novas excitações que terão a função na vida adulta de conduzir ao coito. Na infância essas excitações satisfazem-se na masturbação, nas formações reativas e quando possível na consequência destas, na sublimação.

O texto da autora, aponta para duas forças que se apresentam na tentativa de restituir a função sexual biológica, uma se dirige para uma situação anterior perdida,

traumática, angustiante e a outra para estimulação, por meio da sexualidade perversa, a fim de celebrar sua eliminação. Neste sentido, a sexualidade perversa (sexualidade infantil) representaria esta repetição do trauma e sua superação, o indivíduo se auto estimula a fim de eliminar a excitação.

De tal forma, a sexualidade perversa não só antecipa uma vivência de dor, de certa forma dominando-a, mas se utiliza da recordação das vivências de satisfação para eliminar parcialmente uma excitação pré-existente no indivíduo, devido ao trauma dos tempos glaciais que fez com que a excitação sexual não encontrasse seus objetos e não pudesse realizar o coito. Portanto, simulando os pequenos traumas, desprazeres, do organismo: fome, necessidade de evacuação, frio, que foram superados pela amamentação, defecação, micção. Repetindo, assim, o surgimento do estímulo e sua eliminação.

Assim, a sexualidade perversa, na medida em que simula necessidades, mas não é dominada por elas, ganha características de flexibilidade, indeterminação, plasticidade, deslocabilidade, inexistentes no instinto biológico. Essas características, por sua vez, garantem todas as transmutações posteriores necessárias à sublimação e a constituição da cultura. Contudo, conforme detalha a autora, pode tornar-se inflexível, fixada em objetos e metas, sem plasticidade e sem capacidade de deslocamento.

Vale destacar que a indeterminação e a plasticidade da sexualidade perversa possibilitaram o surgimento do eu prazer. Seu núcleo são as representações do corpo, das necessidades e as imagens de movimento, as representações dos objetos desejados e as associações entre as mesmas. Sua flexibilidade e deslocabilidade possibilitam a ampliação deste núcleo e a capacidade de diferenciar o que vem do exterior ou do interior, explica a autora.

Retomando, a sexualidade perversa é uma satisfação que parcialmente elimina o impulso sexual biológico, por mecanismos substitutivos. Repete as vivências do organismo, é marcada pelas histórias do indivíduo (ontogênese); a filogênese nessa fase serve como disposição de ser determinada pelas vivências ontogenéticas. Possibilita a constituição do mundo interno, da imaginação, pois substitui o objeto externo por uma representação; permitindo a configuração de um eu desejante que posteriormente avaliará a realidade para transformá-la.

Ora, se na ontogênese a função sexual biológica que foi perdida na filogênese não mais será inteiramente alcançada, também não existirá uma relação sexual humana puramente biológica, ela será sempre acompanhada de fantasias. Contudo, a função

sexual biológica opera como um “telos”, diz a autora, que organiza o desenvolvimento, evitando que o aparelho psíquico perca na repetição infinita das suas experiências de prazer. Portanto, é no espaço entre puro imaginário (a fantasia) e o biológico, ambos sexuais, que se constitui a cultura, por meio da sublimação, do pensar e o princípio da realidade.

Corrêa (2013) entende que é apenas na terceira fase filogenética que as bases do eu realidade são formadas, uma vez que a característica herdada desta fase é a onipotência do pensamento. Nela, a magia está para os desejos dos humanos, assim como a onipotência do pensamento infantil e a alucinação motora estão presentes nas brincadeiras das crianças. Na magia ainda não há ambivalência, a principal técnica da magia consiste na imitação da ação desejada. A crença na eficiência da magia provém da semelhança entre a ação efetuada e o acontecimento desejado. Ela reserva toda a onipotência aos pensamentos, a ponto de não necessitar de projeção. Diferentemente do animismo e da feitiçaria, onde uma parte da onipotência é cedida aos espíritos. O pensamento objetivo atribui às suas percepções a uma causa externa, projetando os impulsos ambivalentes. A projeção, inicialmente, dá ao humano condições para compreender o mundo a partir do próprio eu, quer dizer, a partir do próprio corpo.

Na comparação, produzida pela autora, da passagem do processo primário ao secundário com as fases filogenéticas dos tempos glaciais, temos que na segunda fase constituíram-se as representações do objeto desiderativo; na terceira, a ação; que abandonada na primeira fase, ganha nova importância e um papel adaptativo: serve para transformar o mundo percebido no desejado. Quer dizer, na terceira fase filogenética, os humanos compreenderam o mundo a partir do seu próprio corpo entrando em contato com a linguagem, imitaram os movimentos dos objetos e os sons do mundo e atribuíram relações entre os objetos percebidos e os desejados, representando-os psiquicamente. Na magia e na onipotência do pensamento, a linguagem representa o mundo. A imagem de movimento linguístico que servia para representar o mundo agora é usada para alterá-lo, por exemplo, a crença do poder das palavras secretas. O mesmo ocorre com as ações, sua realização é acompanhada da crença na realização do desejo, o caso da magia. É como se houvesse uma mistura das duas funções da linguagem, representar o mundo e transformá-lo.

Corrêa (2013) compara o desenvolvimento ontogenético, com o domínio que o pai da horda primeva conquistou, conforme versão freudiana. Os gestos do pai alteravam a realidade percebida aproximando-o da realidade desejada. O pai primitivo podia



comparar as coisas percebidas com as desejadas, processo de pensar; investir as imagens de movimento encontradas entre o percebido e o desejado, aos moldes do movimento da cabeça da criança. A imitação pôde, devido à deslocabilidade, distanciar-se cada vez mais do objeto ou da ação imitada e pôde representar uma cadeia de ações por um gesto ou uma palavra. A imagem de movimento linguística ganhou mais uma função: ampliar a percepção, gerando também memória do objeto percebido que representa percepções passadas. Com estas habilidades o pai primevo aprendeu a pesquisar o mundo, tornando-se superior àqueles que não desenvolveram esta capacidade.

A ascensão do pai da horda a superioridade, conforme aponta a autora, se deu também em virtude do desenvolvimento do eu. Se nos tempos glaciais o eu foi capaz de suportar, na forma de angústia, um impulso sexual destituído de sua função biológica. Num segundo momento, o eu se expande por meio de representações capazes de satisfazer os impulsos sexuais, destituídos da função biológica. Configurando-se em um eu composto por um mundo imaginário, o eu prazer, constituído a partir da sexualidade perversa ou das vivências de satisfação. O eu foi se expandindo a partir dos impulsos sexuais inibidos, capazes de representar os objetos de satisfação, de dor e tudo mais. Com esses ganhos, o eu amplia seu poder, representa e transforma a realidade de acordo com seus desejos, é capaz de usar seus impulsos sexuais, destituídos da função biológica, para aumentar o poder sobre si, sobre a natureza e sobre os outros.

Conforme apontado, o eu vai se constituir sob o suporte da sexualidade perversa, uma expansão do eu prazer. Ou seja, enquanto a sexualidade biológica busca recuperar o que existia antes da constituição da sexualidade perversa, o desenvolvimento do eu coincide com a expansão da sexualidade perversa. Com essa inversão de desenvolvimento e a oposição existente entre o eu e a sexualidade, a autora constata que o conflito entre o desenvolvimento cultural e a retroação à natureza, faz da sexualidade palco dos sintomas e dos conflitos psíquicos.

Corrêa (2013) não ignora que nos escritos freudianos o desenvolvimento do eu está vinculado a disposição para a neurose obsessiva. Nela tem-se a formação de compromisso com as tendências retroativas, mostrando o choque de distintas temporalidades. Diferentemente das duas outras neuroses de transferência, o conflito psíquico revela a tendência à retroatividade do psíquico em oposição às suas aquisições. Esse descompasso propiciado por distintas temporalidades caracteriza o efetivo conflito psíquico, a grosso modo, um conflito entre o eu e a sexualidade. Um pra frente e pra trás, um conflito entre distintos desenvolvimentos. Essa parece ser também a contradição

fundamental de séries temporais.

## **2.2. Segundo momento: neuroses narcísicas**

Com o fim dos tempos glaciais, inicia-se a história da segunda geração da horda primeva ou a quarta fase. Nela, as disposições adquiridas pela segunda geração, os filhos, constituem o acervo necessário para o surgimento da vida social, conforme aponta Corrêa (2013). Se no primeiro momento, o desenvolvimento do eu foi forjado a partir das transformações do impulso sexual. No segundo momento, o eu vai ser estruturante do conjunto da vida social com base em novas aquisições e estas vão corresponder às disposições para as neuroses narcísicas: demência precoce, paranoia e melancolia/mania.

Nessa fase o eu não é tomado como sujeito, mas como objeto. Uma configuração na qual o indivíduo trata seu corpo de modo semelhante a um objeto sexual. As neuroses narcísicas, portanto, podem indicar a constituição do eu como um objeto do outro e de si mesmo. Vale destacar que enquanto nas neuroses de transferência os objetos de amor são substituídos pelos objetos fantasiados ou representados, como chupar o dedo pode substituir na fantasia o seio. Nas neuroses narcísicas a libido retirada dos objetos não se volta para os objetos da fantasia, mas para o próprio corpo, um corpo que, no caso, não está associado a qualquer representação de objeto externo de satisfação.

Na quarta fase, foi observado pela autora, que os modelos da constituição do narcisismo serão a dor da doença orgânica e a hipocondria, que é a dor sexualizada. Ou seja, a dor e a hipocondria, modelo do narcisismo, relaciona-se a posição passiva-masquista remetendo à supervalorização do objeto sexual.

Conforme visto, nas neuroses de transferência, a libido, desvinculada dos objetos reais, se mantém nos objetos, na fantasia, nas recordações dos objetos de desejo. Já nas neuroses narcísicas, na perspectiva da autora, a dinâmica é diferente. A libido, desvinculada da realidade, se dirige para o próprio eu, determinando o delírio de grandeza, a megalomania. Apesar da semelhança com a onipotência dos pensamentos, no delírio de grandeza não são as ações do eu que são supervalorizadas, o que é supervalorizado é a posição do eu de objeto, de alguém escolhido; não é o papel ativo do eu, mas passivo; o eu não como sujeito, mas como objeto.

Assim, diferente do narcisismo primário das crianças e do pai primitivo, que é expressão dos impulsos e a partir do qual se constituem as relações com o mundo. O delírio de grandeza na parafrenia (psicose) é narcisismo secundário e coincide com um

retorno da libido que foi retirada do mundo para o eu. As alterações na libido, nos impulsos, determinam alterações nos investimentos do eu, nas neuroses de transferência. Já, nas neuroses narcísicas, alterações nos investimentos do eu, por exemplo, uma alteração no órgão, algo como uma ferida, determinam alterações na libido, no caso, o prazer na própria dor.

Na patologia, como na história filogenética, afirma a autora, a perda do narcisismo primário instaura o narcisismo secundário, o narcisismo de objeto. Nos seres humanos em geral, na ontogênese, podemos supor que este narcisismo seja, uma disposição inata que se caracteriza por posição passiva-masoquista. A sexualização da dor parece implicar em ceder à dominação do objeto hostil, em vez de reagir a ela. O desejo de ser castrado, corresponde ao desejo de se submeter ao desejo paterno. A castração e a dor passam a ser desejadas, virtuosas e divinas, de acordo com Corrêa (2013), isso fica claro no caso Shereber, examinado por Freud.

A autora supõe que em Freud há duas formas de lidar com a castração: fugindo da dor ou desejando-a. Nessa leitura filogenética, a castração foi algo infligido a partir de fora, ao desejar a dor e a castração, há uma negação da ação do outro que opera assim: o outro quer que eu (ego) sofra e o eu (ego) quer sofrer.

Foi no final da terceira fase filogenética, conforme assinala Corrêa (2013), que o pai primitivo, superpoderoso, arrogava-se o direito de infligir ao corpo dos membros da horda humilhações e torturas, demonstrando seu poder sobre eles. A castração praticada impedia-os de ter acesso às mulheres da horda. A forma de lidar com a lesão, causada pelo objeto hostil, foi delirante, como a parafrenia mostra. Ou seja, em vez de reagir ao agressor, a dor foi sexualizada. A libido voltou-se para o órgão dolorido e passou a satisfazer-se com a própria dor, com o próprio escoamento da excitação psíquica; a dor passou a ser acompanhada de excitação sexual, surgindo a hipocondria. Os filhos sexualizando a dor da castração, inventaram a posição passiva-masoquista. Nessa fase, o eu foi resgatado a partir dos efeitos da ação do pai e organizado ao redor do efeito do dano, causado pelo pai, torna-se assim objeto do pai, constituindo o que foi nomeado por narcisismo de objeto.

Corrêa (2013) entende que o narcisismo de objeto é defesa patológica. Um não reconhecimento do ataque do objeto hostil. A defesa patológica não reage se afastando. Se comparada com a defesa normal, quando sua natureza passa a ser compreendida ela produz afeto de desprazer, o eu se defende reprimindo, como se fosse atual em cada novo investimento da representação.

Nessa perspectiva, o começo da defesa patológica se deu com o ataque do pai da horda primitiva aos filhos provocando efeitos: a castração e a dor, que diante da dor, não há outro interesse possível para o sujeito. Portanto, a posição passiva-masoquista refere-se a inexistência de reação adequada a um ataque do objeto hostil, havendo fixação a ele.

É a partir da defesa patológica que a autora se dedica a segunda parte da história filogenética ou a quarta fase. Na nova perspectiva, Corrêa (2013) argumenta que tanto a submissão dos filhos castrados da horda, como a defesa patológica, tem como fundamento a incapacidade de descarregar o afeto na direção do objeto a quem se atribui a culpa da dor. O sujeito mutilado se organiza a partir da sua própria ferida. O demente precoce, por vezes, realiza a autocastração.

Avançando para a quinta fase, a autora nos mostra uma nova realidade forjada no amor pelos irmãos, por aqueles igualmente perseguidos. Nessa fase, a fuga dos filhos não foi uma reação que pôs fim ao ressentimento com o pai, a ameaça da castração possibilitou a identificação fraternal. Desse modo, o caminho da libido passa ter o próprio genital como objeto, agora não objeto da dor. Mas uma nova escolha amorosa de objetos externos, objetos que tenham também genitais perseguidos pelo pai.

Diferente da fase anterior, na qual a ferida tomou todo o interesse dos filhos, agora segundo a autora, os filhos podem manter seus interesses voltados para o mundo seguindo na luta pela vida. Os filhos, a partir da identificação com os iguais, desenvolveram um novo tipo de sexualidade, a escolha do outro, não porque ele satisfaz o impulso, mas porque ele é semelhante ao eu, quando este é tomado como objeto. A percepção da ameaça comum desenvolveu uma ligação com o semelhante, dando condições para o sentimento social.

Na quinta fase, a disposição a paranoia, delírios de perseguição e as alianças com o perseguidor, buscam repelir a homossexualidade voltada aos irmãos. Assinala Corrêa (2013) que o sintoma da patologia, nessa fase, exhibe que a origem da disposição da homossexualidade é a própria perseguição. Na paranoia é mantido o interesse pelo mundo, o mesmo não acontece na demência precoce. Há afeto na paranoia e temor diante da ameaça de castração, diante da perseguição. Portanto, nessa fase, o eu não se coloca em uma posição de submissão incondicional, ainda que sua posição seja de objeto.

A autora assinala que podem ser duas as disposições homossexuais demonstradas pela história filogenética, uma voltada para o pai (passiva-masoquista) e outra voltada para os irmãos que se opõem à castração, tendência narcisista masculina, fundamental para compreensão do amor pelos iguais. Nessa abordagem, o protesto masculino contra a

castração, pode ser visto na compaixão narcisista, que significa sofrer junto com o outro igualmente ameaçado de ser castrado.

Na leitura freudiana, sustentada por Corrêa (2013), o amor homossexual surgiu antes do parricídio, antes da constituição da sociedade. Os filhos da horda primeva eram abstinentes porque o pai os castrava, os expulsava da horda ou os impedia de ter acesso às mulheres. Os filhos também fugiam da horda, fugiam da perseguição paterna. A perseguição paterna, assim como o temor e o ódio, possibilita a identificação entre os irmãos, impelindo às satisfações homossexuais.

A identificação sobretudo não é realizada a partir de uma relação amorosa com os objetos, mas de uma relação hostil com os objetos: uma realidade que ataca direta ou indiretamente, impedindo a satisfação dos desejos. O eu, então, vai se defender sexualizando o desprazer, provindo do ataque ou da insatisfação.

A autora constata que o ódio comum pelo perseguidor por um lado, possibilitou a identificação e absorveu a hostilidade que existia entre os irmãos fugitivos. Ser perseguido torna-se algo de valor, a fraqueza se torna virtude. O ódio ao diferente constitui o narcisismo das pequenas diferenças, proporcionando o amor pelos iguais, o sim ao grupo. Na quinta fase da história filogenética, os irmãos igualmente fracos diante do pai primitivo, teriam adquirido disposição para obter prazer com a associação dos iguais. A satisfação homossexual entre os irmãos propiciará o efetivo fortalecimento da massa.

É o ódio e a impotência comum diante do pai que na filogênese propiciou identificação e sexualização. A sexualização da dor, conforme aponta Corrêa (2013), colocou os irmãos em uma posição passiva, a sexualização do igual possibilitou resgatar a ação de forma coletiva. Os filhos que fugiram da horda conseguiram resgatar a vontade, agora, coletiva. Uma vontade reforçada com demais e que pôde então se transformar em ato parricida.

Assim, constituídas as disposições relativas à posição de objeto: prazer na dor e amor pelo igual. Mais uma disposição foi necessária para se formar a organização social: a identificação narcísica com o objeto. Isso ocorre na sexta fase filogenética, descrita como a fase da disposição para mania-melancolia.

Se o narcisismo primário, caracterizado pela onipotência do pensamento e pela força mágica das palavras, coincide com o narcisismo do pai da horda primeva, denominado de narcisismo do sujeito, constituído a partir da abundância de libido e do desenvolvimento do eu. Diferentemente do narcisismo primário, o narcisismo secundário,

alude a autora, é constituído por uma oposição ao objeto, caracteriza-se falta de interesse pelo mundo. A libido retirada do objeto externo reencontra um novo objeto que é o eu.

Considerando que a libido narcísica no adulto forma o ideal do eu, que é condição da repressão e sublimação, e, que a sublimação é um processo independente do ideal do eu, este não pode forçá-la. Um ideal que exige a sublimação, por um lado, e a incapacidade de sublimar, por outro, é causa da tensão psíquica. Na verdade, para a autora, o objetivo primeiro do ideal do eu é a repressão dos impulsos. Contudo, se o sujeito for capaz de sublimar não precisará reprimir.

Como o ideal do eu é o lado individual do ideal comum de uma coletividade. Ele, o ideal do eu, é constituído pela libido homossexual, ela mesma, baseada na libido narcisista, no amor ao semelhante. Quando o ideal do eu, o ideal coletivo, é realizado, o ódio não se volta mais para o objeto externo e sim para o próprio eu. A consciência moral se volta para o próprio eu atual. É o eu atual que preciona e é dele que a coletividade tem de se defender.

Em outras palavras, segundo a autora, na quinta fase, foi constituído um ideal coletivo, formado por valores opostos aos do pai primitivo, valores que fizeram da fraqueza uma virtude. Agora estes valores se opõem ao próprio eu. O ideal do eu e a consciência moral assumem a crítica contra o eu, comportam-se como o objeto hostil que pune.

Então, na sexta fase, os acontecimentos possibilitaram que o impulso se voltasse contra a própria pessoa e que se constituísse o ideal do eu baseado nos ideais da coletividade. Colocando fim à horda primitiva e a substituindo pela organização social. O parricídio e as consequências deste ato, tanto na coletividade quanto nos indivíduos, fez surgir, na visão da autora, a cultura, a sociedade. E, no indivíduo, surgiram novas disposições correspondentes à mania-melancolia, ou seja, a internalização dos objetos amados e odiados.

O prazer dos fracos em se associarem teve papel fundamental na condução da cultura. A origem dos laços, dos impulsos altruístas, gregários, está no ressentimento, no ódio contra o diferente. Depois de se fortalecerem em conjunto e cometerem o parricídio, os irmãos da horda, no banquete, devoraram o pai e individualmente se identificaram com ele. Cada um resgatou a força do pai, diz a autora. A disposição para a mania é uma repetição deste ato, quando o pai odiado foi executado e cada filho pode então resgatar a psicologia do indivíduo.

Lembrando que todas as disposições estão presentes em todos os indivíduos de

forma mais ou menos intensa, reforça a autora, supondo, a partir da obra freudiana, que as disposições são como uma série de ondas que irrompem com uma certa independência uma das outras. Os primeiros destinos prosseguem inalterados ao lado de destinos que sofreram alterações. Ou seja, uma disposição permanece inalterada ao lado de outra. Se na época da horda surgiram novas disposições, novos destinos para o impulso. As disposições adquiridas pelo pai não deixaram de existir nos filhos e depois do parricídio puderam novamente ser fortificadas.

Assim, o mesmo ódio dirigido ao pai facilmente se voltaria contra os irmãos e, depois de uma luta fratricida, um membro mais forte do grupo chefiaria a nova horda. A união dos irmãos seria temporária, determinada pelo ódio contra o pai. Satisfeito o ódio, a reunião entre os irmãos não teria mais razão de ser. O ódio de cada irmão pelo pai visava em última instância tomar o seu lugar. Depois do parricídio, os irmãos se identificaram com o pai simbolicamente, ou seja, nenhum deles pode ocupar o seu lugar.

Corrêa (2013) reforça, os laços homossexuais salvaram a organização social. A proibição do incesto fortaleceu os laços entre os irmãos impedindo que se tornassem rivais e iniciassem uma luta fratricida. Se algum tivesse força suficiente para tomar o lugar do pai, seria constituída uma nova horda, como deve ter acontecido por diversas vezes. Os ideais coletivos são internalizados como ideal do eu de cada um.

O ideal do eu, nessa leitura, é expressão da pressão do grupo, e é condição da repressão. A pressão social guarda algo ao pai que impunha severamente suas leis. Mas na mania, tem-se uma oposição contra a sujeição do ideal do eu que incorpora o ideal coletivo. Ela é um alívio diante de uma opressão, um triunfo do eu sobre as forças que as reprimem. Se a mania em certos momentos é expressão dos impulsos sociais, em outros se opõe a eles. Certamente na mania há alternância entre submissão e oposição.

Diante do exposto, se na quinta fase os irmãos intensificaram o ódio pelo pai que era a contrapartida do amor entre eles. Por tratar-se do ódio que conduziu ao parricídio, um ódio contra o perseguidor, mas não para ocupar seu lugar. Após o parricídio o ódio se exauriu e sua contraparte, o amor homossexual, também se enfraqueceu. Logo, as relações homossexuais entre os irmãos, pós-parricídio, tiveram outro suporte que não o ódio pelo pai, este foi a obediência adiada em relação ao pai. Estavam, então, ao sabor da posição passivo-masquista, adquirida na quarta fase.

Assim, a luta na melancolia ocorre no interior do eu, há uma parte do eu que desmerece a outra, fruto da perda de aspectos do eu e não da perda do objeto, como no luto. Na melancolia o eu se empobrece. É tratado como o objeto amado que foi perdido e

deve ser esquecido, o eu deve ser abandonado.

Corrêa (2013) preconiza que as recriminações dirigidas ao eu, pela consciência moral, foram antes dirigidas a um objeto externo. Para ela as recriminações que deveriam ter sido feitas a uma outra pessoa, a um objeto externo, voltam-se contra a própria pessoa. Trata-se da identificação com o objeto, à incorporação da fase oral canibal do desenvolvimento da libídico. A incorporação do amor matriz do pai primitivo, amor que não se diferencia do ódio. Um processo de identificação diferente da identificação entre os irmãos e que se espelha ao desejo de ser o pai.

As tendências na melancolia são hostis e não representantes do princípio da realidade. A novidade da disposição à melancolia é a possibilidade da satisfação em si mesmo das tendências sádicas e de ódio. A hostilidade não se dirige ao objeto externo mas ao eu. Conforme aponta Corrêa (2013), para que o ódio seja dirigido do contra si mesmo, é necessário supor a identificação com o objeto externo, este sim passível de ser odiado. A ambivalência, portanto, na melancolia não se dirige ao objeto, mas ao desejo do eu de ser o objeto. Se há na identificação a incorporação das características do objeto, na martirização melancólica, há o ódio a essa incorporação.

Na mania o eu precisa ter superado a perda do objeto ficando então disponível todo o contrainvestimento que o doloroso sofrimento da melancolia atraiu do eu. Daí a autora acrescenta que a mania é aquilo que ocorre no final do luto, o eu se engrandece, pois está vivo, e assim assume as características do objeto abandonado. Mas o eu não pode, devido aos ideais coletivos, identificar-se com o objeto, o eu que fora engrandecido agora tem de sofrer um processo de diminuição, o que é realizado dirigindo o ódio para ele. O luto pelo pai primitivo não é propriamente o luto por sua morte, mas o luto por identificar-se com ele. O verdadeiro trabalho de luto, será abandonar a identificação à custa da internalização do ódio que se voltara contra o próprio eu.

Segue-se na sexta fase, o ódio muda de direção. Ao se identificar com o pai, os irmãos criaram uma oportunidade para voltar o ódio contra si, cada um se identificou com o pai, agora será objeto de ódio. O ódio contra o pai fôra necessário para o fortalecimento dos irmãos, agora o ódio, não mais contra o pai, que foi morto, mas contra os rivais. Para Corrêa (2013), a disposição à melancolia corresponde a uma culpa pela própria força, pelos próprios desejos, pela própria felicidade.

Seguindo, a autora reforça que a tese filogenética freudiana permite a compreensão entre o conflito dos impulsos do eu e os sexuais, um conflito de dupla existência. Recordando que o eu e a função sexual biológica, fundam-se nos impulsos



sexuais e nas inibições que os dirigem, mas em direções que não coincidem, o eu utiliza a libido para sua expansão, enquanto os impulsos sexuais visam satisfazer as necessidades procriativas da espécie. O conflito remete a dupla função: a biológica e a de dominar o mundo por meio da sublimação.

Os movimentos filogenéticos, potencializam o eu com as representações de seus objetos de satisfação. O eu passa a ter seu poder ampliado, representa o mundo e age sobre ele, realizando seus desejos e expandindo seu poder. Se na primeira fase da humanidade foi desenvolvida, a custo do impulso sexual, a inteligência; os impulsos sociais ainda não existiam. A sociabilidade será constituída a partir das relações de poder, como reações aos ataques e ameaças advindo de objetos hostis.

Nas palavras da autora, é necessário o exterior para que o interior se constitua. As disposições inatas que precisam de um exterior contrário, para que, se opondo a ele, possam surgir. O esquema filogenético, que pode não coincidir com as vivências do indivíduo, parece ter sido uma solução de Freud, para supor uma disposição que se constitui a partir da relação direta com o exterior.

Em síntese, a reconstrução da história filogenética, como apresentada por Corrêa (2013), confirma, a partir da obra freudiana, que cada patologia tem como base uma determinada disposição e esta revela um aspecto que foi e continua sendo fundamental à espécie humana: a primeira parte da história concerne aos tempos glaciais, quando surgiram as disposições para as neuroses de transferência e ao impulso (Trieb) sexual humano foi se distanciando da função biológica, na histeria de angústia; podendo se satisfazer na fantasia, conforme mostra a histeria de conversão; e, viável à sublimação, como visto na neurose obsessiva. A segunda parte remete ao tempo da horda primeva que corresponde à constituição dos vínculos sociais, quer dizer, da disposição à submissão, na demência precoce; da identificação com os iguais, na paranoia; e, do retorno da agressividade contra si, na mania-melancolia.

## CAPÍTULO III

### A PROBLEMÁTICA DA TRANSMISSÃO

#### 1. A irrefutabilidade do herdado

Mello (1987), a partir do que foi anotado por Freud, em 1915, no XII ensaio metapsicológico, faz uma peculiar leitura dos irrompimentos ou formas clínicas, referindo-se ao que agora são neuroses e que antes foram fases condicionais da humanidade.

No curso desse diálogo, ao assumir que há uma aquisição na fixação, Freud (1915), segundo Mello (1987), faz uma consideração magistral, afirmando que ‘as disposições herdadas são restos da aquisição dos arquiante-passados’ (p.25). Nessa leitura, a filogênese freudiana vai na direção das bases constitucionais da fixação, que precede a disposição adquirida. Significa que a disposição a fixação é adquirida. Ela é tornada herança, antecede as neuroses.

Nas palavras do autor:

o que ocorre neste pré-tempo não diz respeito ao neurótico onde se encontra a fixação; a aquisição da disposição à fixação se deu entre os arquiante-passados do neurótico, os restos das aquisições mantém a qualidade do adquirido; a aquisição dos arquiante-passados do neurótico passaram, *por herança*, à disposição à fixação para o neurótico; o neurótico de hoje de algum modo herdou a disposição à fixação, mas não herdou sua fixação enquanto tal (MELLO, 1987, p.27).

Essa questão que permeia o campo do adquirido é entendida, nesse contexto, como herança, não como hereditariedade. Para o autor, Freud (1915) não se refere a hereditariedade, mas sim a herança. Considera que seria muito estranho se no XII ensaio metapsicológico, contivesse algo relacionado a genética, pois não interessaria à psicanálise. A genética é um discurso da ciência. A psicanálise, nessa leitura, está sustentada por um outro código, que pode até metaforicamente ser algo da “genética do Outro” (p. 27).

Nessa perspectiva, quando Freud (1915) levanta a dúvida sobre o quanto a disposição obtida pela filogenia poderá contribuir para a compreensão da neurose, ele está, segundo Mello (1987), levantando incertezas sobre a transmissão de uma estrutura com limites. Pois, o que foi adquirido pela filogênese, chega com limites, em aberto, o neurótico o herdará como possibilidade.

Para o autor, se a interlocução freudiana caminhou na direção não só de Darwin, mas também de Lamarck e de Jackson. O último confirmou que o córtex é uma parte do sistema nervoso voltada à integração do que é ontogenético, enquanto que os planos mais protegidos, mais profundos, no palioencéfalo, trabalha com o que o novo organismo herda filogeneticamente, havendo influências entre os dois níveis, a ponto de, “à falha do que é mais superficial, que é o que mantinha o herdado não percebido, surgir do mais antigo, *adquirido*, agora liberado, como uma velha pauta de comportamento a ser cumprida” (MELLO, 1987, p.30).

Se a tese de Freud, conforme entendida por Mello (1987) refere-se ao que é adquirido no passado por herança, isso significa o mesmo que hereditariedade, havendo possibilidade de fixação. Assim, onde se lê filogenia, leia-se “Campo do Outro” (p.33) e onde se lê ontogenia, leia-se “constituição do sujeito” (p. 33). Logo, à época, Freud (1915) toma como hereditário ou herdado o significante do que é transmitido.

A chave da questão, segundo Mello (1987), é que na obra freudiana o que parece ser peculiar ao humano, constitui ‘*herança do desenvolvimento cultural tornado necessário pela época glacial*’ (p. 40). Trata-se do herdado passado como linguagem devido ao modo como o ideal do eu se forma, ele possui os vínculos mais abundantes com a aquisição filogenética de cada um, a herança arcaica. Ou seja, uma fixação sobre o recalcado que “*opera algo como uma retenção das situações de perigo que não são mais situações dos dias atuais*” (p. 41, grifo do autor).

Os fatores de natureza biológica e histórica, conforme explicitados por Freud, implicados na duração prolongada do desamparo e da dependência na infância correspondem a um período de atribulações. O autor acrescenta que o recalque implicado na interrupção do desenvolvimento libídico no período de latência, determinado pelo Complexo de Édipo, pode corresponder a uma metáfora dos efeitos dos tempos glaciais.

Diante do exposto, Mello (1987) observa que na perspectiva freudiana, os fatores cruciais na causação das neuroses são de ordem biológica, filogenética e os “*puramente psicológicos*” (p. 40, grifos do autor). Aos três fatores, o autor associa o nó borromeano de Jacques Lacan: o real, o simbólico, o imaginário e um quarto, o sintoma.

O biológico, refere-se ao longo período de desamparo, da gestação incompleta quando comparada com a maturação dos fetos de outros animais, o que disporia o infante à morte, que é o real, daí se iniciando a diferenciação entre ego e id.

O filogenético (histórico em relação à espécie), corresponde ao ocorrido nas vicissitudes da espécie humana.

O terceiro fator, o “*puramente psicológico*” (MELLO, 1987, p. 40), histórico em relação ao indivíduo, é destacado, pelo autor, como sendo uma observação freudiana genial. Correspondendo a um defeito do aparelho mental, que se resume na possibilidade de ser o próprio defeito visto como aparelho que pode ele próprio se chamar mental, mas só a partir do que aí foi construído para se corrigir.

Mello (1987), então, se aproxima da posição freudiana de que o aparelho surge da diferenciação entre o *ego e o id* (p.42), atribuível a possível influência do mundo externo, explicando que no lugar de pautas de comportamento transmitidas geneticamente, evocando uma filogenia para explicar a transmissão e a questão do defeito: “há um aparelho que se constrói. O primeiro defeito é não haver regulação por pautas. O segundo defeito é do construto que aí se instala ‘(...) *em vista dos perigos da realidade, o ego é obrigado a resguardar-se de certos impulsos instintuais do id e a tratá-los como perigos (...)*’” (p. 43, grifos do autor).

O que corresponde aos perigos da realidade, nomeado de era glacial, de acordo com Mello (1987), seja a geografia ou o clima, é uma interpretação sobre o ambiente, há “uma “alteridade” (p.43). Com isso, o segundo defeito gerará um terceiro: o sintoma. O eu (ego) principiante sofrendo com os perigos, riscos e dificuldades, para se proteger, foge das situações, circunscreve sua própria organização cedendo na formação de sintomas em troca de ter barrada a pulsão.

Isso conduz, nas palavras do autor, às raízes freudianas de uma estrutura que está operando desde os tempos primordiais formando uma espécie de núcleo inaugural, que transpassará todas as próximas estruturas formadas, tais como encontramos na atualidade. Como uma analogia aos tempos primordiais, corresponde a uma espécie de idade do ouro, onde os humanos eram não-falantes e comportavam não uma sexualidade, mas um sexual que visava a reprodução, algo como uma pauta, com uma espécie de sazonalidade.

O autor prima por uma interpretação temporal mítica, dizendo de um tempo em que a falha da pauta abriu caminho para o surgimento da linguagem. O que era “*pautado*”<sup>3</sup> no humano passa a ser insuficiente e inoperante e que poderá ser um “*percurso outro*, uma vez que aí estarão presentes a linguagem, os pontos de fixação para o desenvolvimento libídico e, portanto, a formulação da sexualidade e do sintoma” (MELLO, 1987, p. 44, grifos do autor).

---

<sup>3</sup> Em MELLO (1987): “Todo ser não-falante é regido por pautas de comportamento, que são modelos imaginários com a propriedade de fazer com que ele se comporte de forma a se diluir no próprio real [...]. A “falha da pauta” ou o que era “pautado” é a quebra da periodicidade da libido (p. 78).

Na interpretação do autor do manuscrito freudiano, a idade do ouro era o paraíso da regulação por pautas, a era glacial, trouxe miséria e angústia. Ou seja, a transformação da libido objetal em angústia real/angústia da falta, para homens e mulheres. A organização social nesse período foi marcada pela miséria das hordas sem linguagem, esses fatos levantaram limites à procriação. Sendo que, os submetidos ao genital respondem com a histeria de conversão; os não submetidos, respondem com algo como a perversão. A partir da economia da libido e redução da atividade sexual, a inteligência se constitui e em resposta se configura a neurose obsessiva. O começo da linguagem vai se dar ao lado do animismo, da magia e do homem (pai) sábio e brutal que exerce o poder na horda. Segundo o autor, seria no mínimo estranho imaginarmos uma inteligência capaz de arquitetar uma economia da libido que não aparecesse pela linguagem.

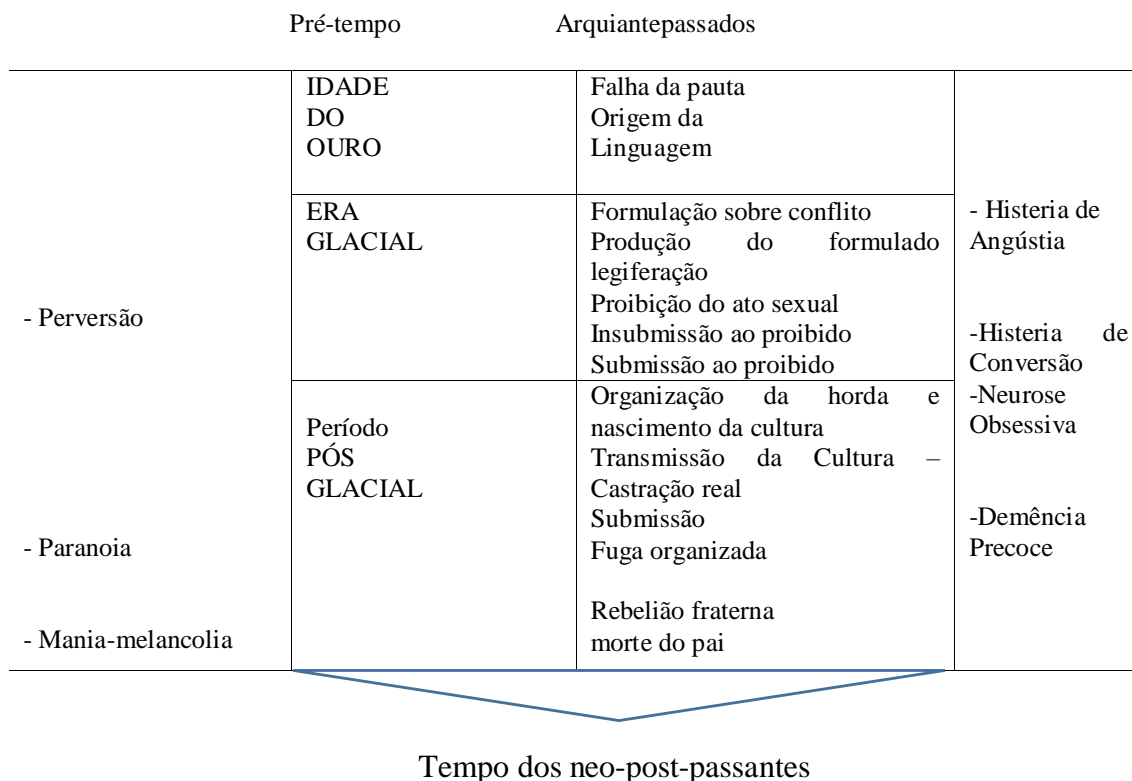
Ainda, do ponto de vista freudiano, o humano se livra do cio em plena idade do ouro, aí começa a falhar a inscrição para a diferença sexual. Isso, na leitura de Mello (1987), pode indicar que o glacial, a miséria, era de outra ordem, da ordem de um posicionamento de um ser não endereçado diante do outro. Estavam desorientados. De modo que foi por via da linguagem construído um artifício (sintoma) para dar conta da não diferença sexual, do não endereçamento sexual. Assim, supõe o autor, que os humanos da era glacial já estavam sob efeito de significantes.

Mello (1987) desafia o tabu lacaniano da origem da linguagem. Nas suas palavras: “leio no manuscrito perdido e encontro, na base de sua articulação, a questão da origem da linguagem” (p. 100). Ou seja, mesmo que Freud não tivesse interesse na origem da linguagem, segundo o autor, ele foi na direção da sua localização.

Ao elaborar uma versão sobre a origem das neuroses à luz de uma possível reconstituição mítica, o autor discorda da localização freudiana para o aparecimento da linguagem, situada na fase condicional humanidade correspondente ao irrompimento da neurose obsessiva. Diferentemente da perspectiva freudiana, Mello (1987) estabelece sua versão mítica da origem da linguagem, argumentando que ela ocorreu a partir da falha da pauta, na idade do ouro, antes da era glacial.

Em relação a fases condicionais paranoíada humanidade e as reconduções na escala de eventos primordiais, o fluxograma apresentado a seguir, desenvolvido por Mello (1987), dispõe sobre o pré-tempo (idade do ouro, era glacial e período pós-glacial) e as fases condicionais que levaram as disposições (histeria de angústia, histeria de conversão, neurose obsessiva, demência precoce, perversão, paranoia e mania-melancolia).

1.Fluxograma: fases condicionais da humanidade conforme reconduções na série de eventos cruciais.



Fonte: Mello (1987, p. 108).

Desta forma, o fluxograma exhibe à direita as fases que implicam a “*submissão*” a algo que visa devolver ao homem a pauta que fora rompida, como um novo imaginário sem falhas. À esquerda as fases que indicam a “*insubmissão*” a estas mesmas disposições (MELLO, 1987, p. 109, grifos do autor).

Tudo isto, para o autor, diz de um real sistema nervoso não submetido as pautas e imaturo à época de cada nascimento, hereditariamente transmitido nas dimensões do simbólico e do imaginário, chega à ponta da flecha, chega aos *neo-post-passantes*. Sujeitos fundados às voltas com seus imaginários prenhes, “passados por via do próprio simbólico, onde o sujeito “*escolherá*” o gradiente de suas fixações, “*havendo ainda a possibilidade de surgirem trajetos que não tenham necessariamente que se inspirar senão na própria ordem simbólica*” (MELLO, 1987, p. 110, grifo do autor).

Mello (1987) supõe que na chamada idade do ouro, os humanos estavam submetidos ao ciclo da libido, mas escaparam desta condição e sofreram privação no

acasalamento regido pelo instinto. Com isso, se desvanecem os meios de endereçamento para o reconhecimento do sexo oposto e também a especificidade de resposta sexual diante da excitação. Como o humano não foi extinto, o autor conclui que alguma coisa ocupou esse lugar de “pauta”, ou seja, um “*artifício*”. Este “*artifício*”, uma sinalização inicial que poderia ser tomado como implicado na origem da linguagem, na passagem do “*não-falante para o falante*” (p. 117, grifos do autor).

Outro aspecto mencionado é que os desenvolvimentos apresentados nos seminários de J. Lacan, só foram possíveis depois de Freud, e estes não vão na direção da origem da linguagem, assim como Freud não vai na direção do biológico do corpo. A ironia de Lacan, segundo Mello (1987), com quem se atrevia ir na direção da origem da linguagem, era da mesma ordem da freudiana, ou seja, implacável com quem procurava o biológico na psicanálise.

Eis, portanto, um dos enfrentamentos de Mello (1987) na direção da origem da linguagem. Argumentando que a questão da origem da linguagem e a versão mítica dela, não deve se dar a partir da versão dos mitólogos que entendem o mito é uma narrativa com a função de transmitir uma normatividade. Para o autor, uma versão mítica, como Édipo, é região da qual não se pode falar. Grafado assim, *mitho*, é um lugar da amarração do real, do simbólico e do imaginário. Ainda que não saibamos para onde a linguagem está nos levando, ela não é criação do “*falante*”, mas o “*falante*” é uma criação dela (p. 116).

Lembrando que ler Freud é perigoso, pois dá a impressão de que a era glacial, por exemplo, é mesmo a do período quaternário. Para o autor há equivalência entre glaciação e latência. Pois na latência há um esfriamento das manifestações libídicas. Como a compreensão filogenética está só no começo, é aí, que está o encanto freudiano, diz Mello (1987). E mais, se Freud no início invoca um filogenético que remete à transmissão genética, algo como do campo da biologia, termina inventando tudo, pois foi dando dicas de uma filogenia da ordem do Outro, de transmissão e constituição do sujeito.

No que se refere a nossa espécie, para Mello (1987) seja na Idade do Ouro ou ao tempo do início da humanidade, para o autor, possuíamos algo como um guia, como pauta de comportamento, que ia na direção das necessidades, satisfações, não do desejo. Foi pela via da falta do objeto que acontece o rompimento de um trecho da pauta ou do ciclo do cio.

Nas palavras do autor.

O que acontece com a libido é que ela se espraia por todos os outros pontos da pauta, passa a estar presente em tudo. O erotismo se mantém em um platô, por toda a parte. Aqui surge necessariamente um segundo ponto: a abolição dos referenciais da diferença sexual. Já não há o cumprimento de um tempo para o reconhecimento do parceiro e já não há esse exato parceiro (...). Ou seja, já não há a diferença sexual gravada, há uma diferença anatômica que não é suficiente para endereçar a diferença (...). Isso, poderia significar, como resultado, a inviabilidade da espécie: ou não se transa mais, ou se transa o tempo todo. Qualquer alternativa implicaria no desaparecimento da espécie, pela desimportância de todas as outras coisas. Ora, temos certas evidências de que a espécie não desapareceu, o que indica que alguma coisa mudou. E o que seria isso, já que *não é programado pela natureza?* Houve uma artificiosidade, colocada no lugar dessa falta. Essa prótese também é faltosa, porque artificiosa. Isso é a linguagem (MELLO, 1987, p.136-137).

Defendendo que a existência de uma pauta, perdeu função ou houve um furo da pauta, o que passa a operar é um artifício, a linguagem. Este artifício se faz em construto, que é o sintoma, o que implica no inconsciente – um novo real. Daí, diz o autor, o sujeito produzido se abriga no real produzido pelo simbólico. Sobre isso, estabelecem-se novas relações. Ou seja, o simbólico opera como um novo real do “falante, por onde o inconsciente, que se articula como uma linguagem, vai ter valência de real” (MELLO, 1987, p. 147).

Desta forma, o autor estrutura uma nova abordagem quando estabelece que a linguagem não é nem dá uma pauta para todos, cada um com a linguagem vai tentar construir uma espécie de pauta para si. Mas isso falha, porque o real também se aferra a essa artificiosidade.

Se o sintoma é o novo que surgiu via o artifício que tentou dar conta do intransável, conforme entende o autor, ele é aglo que vai na direção de buscar uma saída pessoal para a falta original. É a forma de cada um lidar com a falta. No entanto, de acordo com Mello (1987), a psicanálise freudiana nos mostra, que por mais original que cada um seja na sua saída pessoal, sempre cairá dentro daquela série das neuroses mapeadas que se referem a recalcamientos, correspondentes às fases condicionais da humanidade. “Aquela série tem a propriedade de mostrar certos buracos nos quais um trajeto de fuga do real é encaçapado, como uma bola de bilhar” (p.148).

Os termos hereditário, herança e filogenético, devem ser analisados, segundo o autor, na obra freudiana, como endereçados à psicanálise. A hereditariedade como concebida por Meynert e Charcot, que Freud já havia rejeitado, era uma transmissão somente baseada em uma analogia à genética, uma transmissão com base biológica não poderia dar lugar à psicanálise.

Deste modo, Mello (1987) aponta que o hereditário, na obra freudiana, é o que



vem determinado pelo biológico, mas que vai ter específicas implicações, pela operação do significante, durante a constituição do sujeito: i) os bebês não nascem neurologicamente maduros como os filhotes dos outros animais; ii) eles passam um longo tempo dependentes daqueles que se encarregam de fazer o contorno dessa inviabilidade; iii) são descendentes de uma nova espécie animal, onde o cíclico sazonal das gônadas não existem mais.

Assim, a dinâmica envolvendo o biológico e o que é transmitido aponta para um desenvolvimento em que o “*simbólico cavalga*” sobre o biológico, o simbólico, que pode ser transmitido, é chamado de herança, não hereditariedade. Ademais, a herança que se forma no “cavalgar” do simbólico sobre o real é o que o manuscrito freudiano nomeia de disposições para que hajam fixações.

Ao examinar a discussão mais de perto, a questão apresentada é a seguinte:

Porque não há como não haverem certos pontos em que se possam fazer fixações? Porque o corpo do falante é construído pela construção imaginária que se faz com significantes. Então há notáveis convergências entre o que o corpo biológico oferece, sob forma de zonas erógenas, de um lado, e os imaginários que vão sendo construídos por uma ordem referida ao Outro (MELLO, 1987, p. 165).

O autor esclarece que o complicado, no texto freudiano, quando se trata do filogenético, é que ele está juntando hereditariedade e herança, para avançar metapsicológicamente.

Dessa forma, o breve XII ensaio metapsicológico freudiano assinala, de acordo com Mello (1987), que os efeitos das fases condicionais da humanidade se dão de uma causação diferente, correspondendo um primeiro momento, as neuroses de transferência, mais ligadas com o “*hereditário* e menos ligadas com o *herdado*”. Já, um segundo momento, o das neuroses narcísicas, estariam mais ligadas com o “*herdado* do que com a *hereditariedade*” (MELLO, 1987, p. 165).

Nesse aspecto, cabe mais uma interlocução do autor com a obra freudiana.

Durante a era glacial (que tal digital) as crianças angustiadas, os bebês em privação, ele [Freud] está sugerindo que um bebê já traz, por hereditariedade, a possibilidade de dar uma resposta histórica a algo que funcione como era glacial para ele (...). O bebê não precisa ter acesso à linguagem para dar resposta à primeira fase condicional. O segundo evento, que conduz (...) à segunda fase condicional da humanidade – já implica (...) em estar sob o efeito da linguagem, senão não faria a conversão, que é a utilização do corpo como significante expressivo da afetação (MELLO, 1987, p.166).

Dado que para Mello (1987) a teoria da libido é estrutural no pensamento freudiano, ela terá um papel de destaque na significação dos pontos de fixação e nas disposições, como instrumentos que vão dar nos fundamentos da psicanálise. Logo, o autor fez avançar à metapsicologia a partir a questão da transmissão, conceito fundamental da psicanálise.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em virtude do que foi apresentado, uma coisa é certa: a cosmovisão freudiana segundo carta endereçada por Freud (1915) a Ferenczi, XII ensaio metapsicológico, se esforça por reconstruir fases passadas e obscuras da humanidade. Os trabalhos de Corrêa (2013) e Mello (1987) corroboram com a metapsicologia freudiana, visto que estabelecem reflexões, associações e novas interpretações sustentadas por fascinantes construções hipotéticas e míticas que exprimem o desejo de avançar na intrincada filogênese das neuroses e psicoses.

Freud (1915) elaborou uma analogia entre os estágios da espécie humana e o das neuroses e psicoses. Por mais obscuro e difícil que seja, conforme aponta Corrêa (2005), o XII ensaio metapsicológico, evoca épocas que antecedem Totem e tabu (1913), trata-se, portanto, de um tempo anterior ao parricídio, mesmo tendo sido redigido depois de Totem e tabu (1913).

Corrêa (2013) sublinha que para produzir a história hipotética da espécie humana, da hominização nos tempos glaciais à horda primeva, levou em consideração que as disposições às neuroses foram adquiridas na defesa contra as necessidades dos tempos glaciais; as fixações que amparam as psicoses, derivam da opressão do pai, o qual, após o término da era glacial teve papel fundador da segunda geração. A autora destacou que se a primeira levou à horda patriarcal, a segunda levou à organização social. As fixações, nessa abordagem, transformaram-se nas disposições para neuroses e psicoses

Uma vez que as disposições filogenéticas estão presentes em todos os indivíduos, o que vai diferenciar uma neurose de outra não é a disposição, mas sua intensidade, assim é para Corrêa (2013). Portanto, as impressões de um trauma ou de prazer em alguma fase do desenvolvimento humano podem determinar ou não uma fixação.

Como muito bem sublinha Corrêa (2013), o eu percorre um caminho distante da função biológica. Em outras palavras, o conhecimento obtido a partir da filogênese das neuroses coincide com o desenvolvimento do eu.

Mello (1987) e Corrêa (2013) elaboram, num intercurso de 26 anos, interpretações inéditas sobre a filogênese freudiana, ambos sustentam que o impulso sexual deixou de realizar sua função biológica, embora discordem do período da realização do evento. Trata-se do instinto perdido no humano, como nomeia Mello (1987), falha da pauta. Uma vez que, o instinto sexual visa a reprodução, eis que ressurgiu noutro, nomeado de pulsão (Trieb). Conforme Corrêa (2013), foi sobretudo através da descrição das perversões, quer quanto ao objeto, quer quanto ao fim, que a plasticidade das pulsões se mostrou.

Ao tecer considerações sobre os impulsos (Trieb) sexuais, Corrêa (2013) observa na caracterização das neuroses (de transferência), um primeiro momento dividido em 3 fases, a saber: na histeria de angústia, o impulso no eu é identificado como o impulso sexual, desprovido de função biológica; na histeria de conversão, encontra-se características da sexualidade perversa que se satisfaz na fantasia; e, na neurose obsessiva, o impulso inibido pôde ser sublimado. Além disso, a autora constata, através das neuroses, que o eu prazer pode ir na direção de um eu realidade.

Se as neuroses evidenciam as disposições humanas fundadas nas relações com os objetos de satisfação. Por outro lado, as psicoses evidenciam as disposições que se constituíram nas relações com os objetos hostis. Nessa perspectiva, para Corrêa (2015), Freud (1915) evoca um segundo momento dos “estados da humanidade” (p.79), desde a Era Glacial, constituído de mais 3 fases (correspondendo as psicoses: demência precoce – esquizofrenia ou parafrenia; paranoia e mania/melancolia), somadas às anteriores, perfazem 6 fases (CORRÊA, 2005), que apontam para a gradual aquisição das disposições universais como constitucionais do humano.

Analisando o diferenciado o pai da horda primeva e a segunda geração, os filhos, Corrêa (2013) demonstra a que a constituição do sujeito narcísico está relacionada ao pai da horda primeva. A sustentação da sexualização das vivências de dor e as relações com o objeto hostil, configuram o objeto narcisista marcando a segunda geração.

Se a origem da linguagem foi ancorada, pela autora, no sujeito narcísico, relacionada ao pai da horda primeva; a origem da sociabilidade foi remetida ao objeto narcísico. Diferentemente, Mello (1987) ancora o surgimento da linguagem na falha da pauta, na idade do ouro, anterior a Era Glacial.

Sobre o desenvolvimento da inteligência e da linguagem, também chamados

processos secundários, Corrêa (2013) conclui, não muito diferente do que afirma Mello (1987), que eles não representam a passagem da natureza para a cultura, mas um possível suporte para ir do imaginário ao simbólico.

A articulação freudiana do manuscrito é compreendida por Mello (1987) como um caminho para incorporar a filogênese à psicanálise. A filogenia referindo-se ao campo do Outro e a ontogênese a constituição do sujeito. Nesse contexto, o herdado é passado como linguagem. A fixação sobre o recalcado opera na retenção das situações pretéritas de perigo. A discussão, então, para o autor, recai sobre a neurose enquanto uma disposição herdada, não como hereditariedade, mas como a possibilidade de herança.

Isso nos conduz ao artifício, encontrado por Mello (1987), para falar sobre o aparelho mental, que, segundo ele, foi sendo construído a partir “do defeito”, da “falha da pauta”. O chamado distanciamento do biológico foi abrindo caminho para o surgimento da linguagem. Já, em Corrêa (2013), o distanciamento biológico foi abrindo caminho para eu (ego).

Mello (1987) percebe que se o primeiro “defeito” é não ser regulado por “pautas de comportamento; o segundo, é que o eu (ego) jovem precisa resguardar-se dos impulsos instintuais (id) e tratá-los como perigos, favorecendo a formação de sintomas. Considerando que na Idade do Ouro, como o autor nomeia, era o paraíso da regulação por pautas, a inscrição para a diferença sexual começa a falhar, abrindo, assim, caminho para o surgimento da linguagem. Nessa leitura, chega-se a conclusão que o simbólico, que pode ser transmitido é nomeado herança. Como alusão a algo que se impõe sobre o biológico e se relaciona com o que Freud (1915, p.80) nomeia de disposições para que sobrevenham fixações.

Diante da observação de Freud (1923/1996) de que “o id é capaz de o ser herdado” e nele “acham-se abrigados resíduos das existências de incontáveis egos” (p.51), Mello (1987) defende que o herdado, pode ser algo que chega até o ego (eu). Obviamente, diz ele, não se trata de afirmar que o ego (eu) pode ser transmitido geneticamente, no entanto, a supramissão freudiana foi estabelecendo uma discussão que perpassa o filogenético, ficando assim sua construção sujeita à crítica.

A paixão pelo preestabelecido, pela filogenia, não deixará de perseguir Freud. É indiscutível que ele admite que na etiologia das neuroses e psicoses o que é "adquirido" no decorrer de longos períodos deve ser objeto de reflexão e análise. Esta hipótese, desse jeito, é suficientemente levada a sério por Corrêa (2013), quando se refere a uma espécie de memória, as “fantasias originárias” consideradas verdadeiras categorias mais fortes do

que a vivência individual, ou seja, quando algo não está de acordo com os roteiros, haveria uma espécie de enquadramento complementar capaz até mesmo corrigir as singularidades pessoais.

Embora não tenhamos trazido para o debate a obra de Laplanche (1996) sobre o assunto, cabe agora aproximar os autores. Se o modelo da história humana continua sendo, segundo a psicanálise freudiana, a história individual, para Laplanche (1996), contudo, o que vem com o nascimento são aquisições da espécie humana mais importantes do que se supõe.

De acordo com Laplanche (1996), Freud descobriu algo de “prototípico” (p.35), implícito na linguagem, que excede a vivência individual, que informa e, inclusive, modifica as vivências particulares. Tudo indica que a observação de Laplanche (1996) corrobora com as hipóteses de Mello (1987) sobre a linguagem, mas que Corrêa (2013) não detalha.

No curso desse diálogo verificou-se que os autores não discordam da suposição freudiana quanto as origens das neuroses e psicoses. Como também concordam que quanto mais tarde elas se apresentam na vida individual mais antiga é sua causação.

Em suma, Freud (1915), há 107 anos, concebe uma visão gradual da aquisição daquilo do que é constitucional do humano. A partir dos fatores externos, ou seja, das condições adversas enfrentadas na Era Glacial. Assim, procurou mostrar como diferentes formas de “resolvê-las” chegaram até o humano de hoje, tão bem definidas como tipificados quadros neuróticos, segundo Mello (1987).

Fiel ao sintoma freudiano, Mello (1987) acrescenta que neste *homo* (os arquiante-passados, que são os mais antigos que os antigos), além da morfologia, evidentemente transmitida pelos gens, não eram as tais soluções transmitidas por alguma genética. Uma coisa é certa, diz ele, se Freud descobriu ou inventou, é um visionário: inventa porque descobre.

E concluir reiterando que se não é uma herança genética, pode-se pensar em algo paralelo a isso. Quem sabe avançar, como faz Mello (1987), através de uma possível abordagem sobre a ‘*equação etiológica*’ e as ‘*séries complementárias*’ (p.189), um caminho não implicado com a genética, mas que transmite por gerações um tanto de coisas sutis como até dados mentais.

## REFERÊNCIAS

CORRÊA, Fernanda Silveira. As contribuições das neuroses e das psicoses para a compreensão do processo de hominização da história da espécie humana. In **Jornal de Psicanálise**. 48 (49), 79-92. 2015. São Paulo.

CORRÊA, Fernanda Silveira. **História hipotética da espécie humana: o processo de hominização nos tempos glaciais e na horda primitiva**. Tese Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: [s.n.]. 2013.

CORRÊA, Fernanda Silveira. O processo de hominização: Freud interpretando Nietzsche. **Revista de Filosofia**, v. 17, n. 20, p. 85-98, jan/jun. 2005. Curitiba.

FREUD, Sigmund. (1923[1922]). Dois verbetes de enciclopédia. In **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XVIII)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. ([1916[1917]). Conferência XVI Psicanálise e Psiquiatria. In **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XVI)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. **Neuroses de transferência: uma síntese (manuscrito recém-descoberto) / Sigmund Freud; organização, notas e ensaio complementares |Ilse Grubrich-Simitis; posfácio à edição brasileira e tradução do alemão Abram Eksterman**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, Sigmund. (1913). Totem e tabu. In S. Freud. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol.13, pp.11-191)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução à Metapsicologia Freudiana, volume 3: Artigos de metapsicologia**. 7.ed.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

JONES, E. **Vida e obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

LAPLANCHE, Jean. **Novos fundamentos para a psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MELLO, H. Haydt de S. **O manuscrito perdido de Freud**. São Paulo: Escuta, 1987.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.